



# Memória em movimento

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Guardar na memória. Temos aí uma expressão corrente que não deve satisfazer à professora Olga Rodrigues de Moraes von Simson, pois remete mais a memória estática e não traduz plenamente as atividades do Centro de Memória da Unicamp (CMU), que ela dirige. Mas é verdade que o CMU, criado em 1985 pelo professor José Roberto Amaral Lapa para preservar a memória histórica de Campinas e região, guarda hoje um acervo importantíssimo que municia pesquisadores de todas as áreas na construção do conhecimento. “Nossa proposta é de também atuar sobre a realidade”, realça a socióloga, definindo o centro como um espaço neutro de estudos interdisciplinares, que atrai graduandos, pós-doutorandos e professores da Unicamp e de outras universidades para projetos ali desenvolvidos.

O outro olhar dos jovens

Assim, equipes do Centro de Memória vêm trabalhando com história oral e educação não-formal na periferia de Campinas e em cidades vizinhas, buscando uma transformação social por meio da recuperação da memória desses locais, em parcerias com empresas, organizações não-governamentais e prefeituras. As fontes são as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos dos cursos e oficinas. “Educação não-formal é aquela realizada em espaços fora da escola normal, respondendo às demandas dos educandos, sem currículo pré-determinado, avaliação ou diploma, e que por isso se pretende mais agradável, envolvente e sedutora. Queremos desenvolver talentos e conhecimentos para que essas pessoas enfrentem as dificuldades de uma realidade muitas vezes marginalizada”, explica Olga von Simson. A pesquisadora explica ainda que história oral é uma metodologia de pesquisa que permite reconstruir a realidade através da voz dos próprios atores sociais que dela fazem ou fizeram parte.

Um tema como a negritude, por exemplo, já fez com que o projeto fosse recusado por escolas formais de bairros originados por negros em Campinas, sob o argumento de diretoras e orientadoras pedagógicas de que tocar em feridas despertaria problemas de discriminação raci-

al que, segundo elas, inexistem em suas unidades. Por isso, o CMU desistiu de parcerias com escolas formais. As primeiras experiências de história oral envolveram os antigos moradores do Cambuí e Vila Industrial, tradicionais bairros de Campinas, estendendo-se depois com oficinas de fotografia, memória histórica, informática, samba de roda, teatro, hip-hop, vídeo e jornalismo comunitário oferecidas aos adolescentes dos nos bairros periféricos da Vila Costa e Silva, Jardim Campineiro, Jardim São Marcos e, agora, na Vila Castelo Branco.

– “Os adolescentes, por

exemplo, incorporam em sua maioria a visão imposta pela grande imprensa de que a periferia é o espaço da violência, do desemprego, da marginalidade. Ao avaliar criticamente a imprensa, eles se transformam em jovens pesquisadores que procuram conhecer sua realidade e contam a história do bairro com outro olhar, num processo de construção da auto-estima”, exemplifica Olga von Simson. O professor e jornalista Amarildo Carnicel, que responde pelas oficinas de jornalismo comunitário, lembra que ao introduzir o curso pedia que os adolescentes sugerissem bons assuntos que aconteciam no bairro. A

primeira reação era de riso. “Não viam nada de bom, vestiam a carapuça, lembrando-se apenas da violência, das drogas e da falta de opções de lazer. Depois fomos identificando as pessoas que organizam o carnaval do bairro, a procissão, que faziam artesanato, um cantor, as lideranças, produzindo notícias que a grande imprensa ignora”, recorda Carnicel.

A pesquisadora Zula Garcia Giglio conta que em algumas oficinas de criatividade, optou por trabalhar com a identidade grupal dos adolescentes, visto a animosidade entre grupos no bairro e mesmo a questão de gênero, numa idade de relacionamento complicado entre meninos e meninas. A professora tem a ajuda de um voluntário artista plástico no trabalho com argila, em que um adolescente, por exemplo, deve moldar o rosto de um colega. “O objetivo é basicamente o de desenvolver a auto-estima. Inicialmente, os jovens sempre se acham incapazes de mexer com a argila, dizem que ‘não dão para isso’, vêem o talento como algo que vem pronto. À medida que aprendem as técnicas básicas – como modelar, fazer o jogo de luz e sombra num desenho –, ficam en-

cantados com o que produzem. Se antes trabalhavam meio que escondidos, quase embaixo da mesa, depois se animam para exposições, querem mostrar o trabalho em casa. Passam a se achar capazes”, explica.

– Boa parte dos adolescentes da periferia descende de famílias que, por serem de migrantes, sofreram com a discriminação quando se estabeleceram em Campinas, segundo observa Olga von Simson. Por isso, pais e avós reivindicam para esses jovens a condição de campineiros, evitando discutir suas origens em regiões pobres. “A falta de uma discussão transparente no âmbito da família, que permita ao jovem reconstruir suas origens e compreender seu papel como membro de um grupo familiar na história da cidade, impede a passagem da agressividade natural na adolescência – de brincar, urrar, gritar – para aquilo que chamamos de uma agressividade sublimada no campo da arte – a música, a poesia, as artes plásticas e tudo mais. Daí o surgimento das gangues, nas quais a agressividade é o fator que marca”, pondera a pesquisadora.

Olga von Simson afirma que o interesse em desenvolver esse tipo de trabalho está em coletar, organizar e disponibilizar dados sobre a realidade de todas as classes sociais, e não apenas dos grupos hegemônicos. “Muitos voluntários do CMU têm sua história de vida nos bairros populares e chegaram à universidade pública graças a um esforço muito grande. Querem oferecer algum retorno para a população de onde vieram. Por outro lado, ao promovermos essa interação dos adolescentes com os velhos e suas memórias, recebemos informações e visões sobre a vida na periferia que o CMU, por si, nunca seria capaz de recolher”, observa. Foi dessa maneira que ela soube da “lenda do corpo seco”, que corre no Jardim Campineiro mas é desconhecida no resto da cidade: que o Barão Geraldo de Resende, não tendo cumprido a promessa de levar um escravo a Aparecida do Norte, acabou amaldiçoado e sua alma segue cavalgando um cavalo branco, depois das oito da noite, nos arredores da Mata Santa Genebra. “A história da elite, contada no acervo que a família do barão doou para o CMU, agora tem outros ângulos retratados sob o olhar das classes populares”.

## A maquete do pedreiro

Tao Sigulda